



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Reflexões sobre o Cursinho Popular da Unesp - Câmpus de Franca e a efetiva construção da cidadania.

Vinícius Aureliano Bellotto dos Santos (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP - Campus de Franca, Graduando do Curso de Relações Internacionais, Bolsista do Projeto Cursinho Popular de Franca - PROEX, vinibellotto@yahoo.com.br), Marina Brito de Oliveira (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP - Campus de Franca, Graduando do Curso de Relações Internacionais, Bolsista do Projeto Cursinho Popular de Franca - PROEX, marinabritoliveira@gmail.com), Márcia Pereira da Silva (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP - Campus de Franca, Professora do Curso de Graduação e Pós-Graduação em História, Coordenadora do Projeto Cursinho Popular de Franca - PROEX, marciapereirasilva@gmail.com).

Eixo 1 - Direitos, Responsabilidades e Expressões para o Exercício da Cidadania

Resumo

Apresentamos o Projeto do Cursinho Popular da UNESP - Câmpus de Franca, em relação aos pressupostos da educação popular que norteiam o cotidiano das atividades desenvolvidas em conjunto com a população de Franca e região, no sentido de contribuir para a afirmação das individualidades, a cidadania e a promoção social de todos os sujeitos envolvidos no processo.

Palavras Chave: *Educação popular, Cidadania, Extensão.*

Abstract:

Introducing the Project "Cursinho Popular da UNESP – Franca Campus", developed together with people of Franca and region, it aims to guide daily activities through popular education, contributing to the affirmation of individuality, citizenship and social progress of all the individuals involved in the process.

Keywords: *Popular education, Citizenship, Extension programs.*

Introdução

O Cursinho popular da Unesp, entre nós da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP – Câmpus de Franca denominado de Serviço de Extensão Universitária – SEU integrou os Projetos de Extensão cadastrados na unidade desde o ano de 2011, mas é uma iniciativa de alunos e professores dos diferentes Cursos de Graduação da Unidade que tem funcionado há 18 anos.

Atualmente é composto por alunos da graduação bolsistas e voluntários, membro da população em geral e 280 (duzentos e oitenta) pessoas que lograram aprovação em avaliação de conteúdo e, sobretudo, em análise socioeconômica que tem sido firmemente realizada, no sentido de garantir o aspecto popular do projeto.

Pensado em termos de educação popular, promoção social e alteração na vida da comunidade externa, o Cursinho guarda uma

história de sucesso que, esperamos sinceramente demonstrar nesse texto, propicia, mas do que condições de acesso aos vestibulares no país, exercício de cidadania para todos os envolvidos no projeto, desde os professores universitários que coordenam ou auxiliam nas atividades, os alunos e membros da comunidade que atuam como professores das diferentes disciplinas, até os discentes que compõem o público alvo das iniciativas. devem ser redigidos de forma clara, de maneira a facilitar a avaliação de seu conteúdo e mérito científico.

Objetivos

O objetivo desse texto é apresentar os pressupostos teóricos que informam as atividades cotidianas do Cursinho Popular da Unesp e refletir como as mesmas vem propiciando o exercício de cidadania.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Material e Métodos

Embora composto por todas as disciplinas que são cobradas pelos vestibulares de acesso ao ensino superior no Brasil, o Cursinho popular tem consciência de que vivemos em um mundo liberal em que conhecimento e competência adquiriram valor mercadológico.

Atualmente é de conhecimento geral que as relações sociais instrumentalizam para a competição, nem sempre definida por princípios éticos e de solidariedade. Aliás, educar para a competitividade e a cidadania tem feito parte da agenda do ensino brasileiro desde a década de 1990.

A educação passa a ocupar, junto com as políticas de ciência e tecnologia, lugar central e articulado na ponta das macropolíticas do Estado, como fator importante para a qualificação dos recursos humanos requeridos pelo novo padrão de desenvolvimento, no qual a produtividade e a qualidade dos bens e produtos são decisivos para a competitividade internacional. Ainda que por si só a educação não assegure a justiça social, nem a erradicação da violência, o respeito ao meio ambiente, o fim das discriminações sociais e outros objetivos humanistas que hoje se colocam para as sociedades (...) é, sem dúvida parte indisponível do esforço para tornar as sociedades mais igualitárias, solidárias e integradas (MELLO, 1998, p.43).

Reconhecemos que em virtude do caráter liberal do mundo contemporâneo, não é possível pensar em educação sem competitividade, afinal, "no que se refere à educação, as dimensões social e econômica não são necessariamente excludentes". Mas, parece-nos óbvio, "a visão utilitarista não pode eliminar a visão humanista" (SOBRAL, 2000, p.10). A competição está na base das relações capitalistas e precisa ser trabalhada para não resultar em homens egoístas e pouco afeitos ao ato de compartilhar, tão necessário para uma vida social saudável. Mesmo assim, é sempre muito difícil associar competitividade com respeito e responsabilidade para com o outro e a sociedade: é pensando nisso que nos valem da educação popular.

8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP, 2015, Reflexões sobre o Cursinho Popular da Unesp - Campus de Franca e a efetiva construção da cidadania., Vinícius Aureliano Bellotto dos Santos, Marina Brito de Oliveira, Profa. Dra. Márcia Pereira da Silva – ISSN 2176-9761

A educação popular, altamente tributária do pensamento de Paulo Freire (1921-1997) trabalha com horizontalidade nas relações sociais. Explica-se: organizadores, financiadores, professores e alunos não ocupam posições verticais de mando e responsabilidade, mas são tomados como parceiros do processo ensino-aprendizagem.

Não se trata, assim, de advogar um possível caráter assistencialista para a educação, como se os guardiões do saber – as instituições de ensino e os docentes altamente graduados – fossem responsáveis por transmitir aos educandos conhecimentos que de outra forma lhes seriam inacessíveis. Sobre o assunto escreveu Paulo Freire (1983, p.55): "assistencialismo na educação, seja o material ou o intelectual, impede aos assistidos que vejam a realidade, que sejam a realidade, tornando os educandos acríticos". Assim, o que se pretende é valorizar o conhecimento dos educandos, problematizando a realidade, em busca da construção coletiva do saber.

É da perspectiva da educação popular que o Cursinho da Unesp pensa e planeja as suas atividades cotidianas.

Segundo Karen de Fátima Maciel (2001, p.3), falar em educação popular é reconhecer todos os grupos sociais, sobretudo as classes populares, "como detentoras de um saber não valorizado e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade"; é também, ainda na visão de Paulo Freire (1994), operar da ótica do oprimido com vistas a promover a emancipação dos sujeitos.

Resultados e Discussão

Na prática o Cursinho Popular da Unesp mantém organização horizontal, por meio de reuniões que promovem discussão e agrupam tanto os alunos professores (graduandos dos cursos de Graduação) como os alunos da comunidade em geral (selecionados segundo competências e condições sociais). Essa experiência tem propiciado aprimoramento de todos os lados.

Da parte dos graduandos da Unesp há o exercício do ouvir. Explica-se: tradicionalmente a Universidade tem se compreendido enquanto instância da produção do conhecimento por excelência, desvalorizando os saberes populares e pouco se relacionando com a população em geral. Ao impor-se o desafio de considerar a



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



opinião do outro, e atribuir a todos a mesma valorização, os membros do Cursinho exercitam o que Paulo Freire (2010) denominou de diálogo, pressuposto da educação popular.

A concepção dialógica e comunicativa da educação é, ainda segundo Paulo Freire (2010), mais do que simplesmente ouvir o outro e concordar com ele, mas incorpora a criticidade do debate, da interlocução que ajuda todos os envolvidos a superarem as concepções óbvias e fatalistas, repressoras, ou seja, as ideias que mais facilmente são tidas como verdadeiras e promissoras. Respeitar o outro, que não necessariamente precisa pensar como eu, é premissa básica para a pedagogia da autonomia.

Da perspectiva do público alvo, dar voz àqueles que em geral são reprimidos nos diferentes grupos sociais em que convivem é garantir-lhes o exercício a cidadania. Essas pessoas, seja no âmbito familiar, entre amigos, na sociedade, enfim, em virtude dos núcleos econômicos em que vivem podem estar fadadas ao conformismo, obtido muitas vezes com violência. Na medida em que são chamadas a opinar sobre o funcionamento do cursinho que frequentam, instrumentalizam-se para o diálogo, o debate e a formação de opinião. Em uma esfera mais ampla, podem utilizar-se dessa competência adquirida para fazer valer seus direitos e/ou expressarem seus quereres e opiniões. Afinal, o cidadão se faz da capacidade da expressão de ideias e concepções, da potencialização das individualidades. Concordar, discordar, opor-se, associar-se são competências que, infelizmente, a educação oficial (entendida aqui como as Instituições formais de ensino) não tem propiciado ao educando, mesmo sendo elas fundamentais para o exercício da cidadania.

Assim, em virtude do exposto, é verdadeira a afirmação de que compor o Projeto do Cursinho popular da Unesp é significativo para a emancipação dos sujeitos. Quanto à comunidade externa envolvida no Projeto, lembramos que o Cursinho tem alterado substancialmente sua condição de vida porque oportuniza aprovação em concursos e vestibulares do país, e, principalmente, dá voz à eles enquanto sujeitos de sua própria história, valorizando-os como sujeitos pensantes.

Cotidianamente, os membros do Cursinho exercitam o que recomenda Paulo Freire (1999, p.104) quando o autor critica o comportamento geral dos professores: "trabalhamos [os docentes] sobre o educando, não trabalhamos com ele (...) não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque [os alunos] recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda". E adverte o autor para o fato de que que o educar deve se basear na ação conjunta e criativa entre todos os envolvidos no processo.

O Cursinho representa um sucesso de atuação enquanto atividade de extensão, e notadamente tem funcionado com bastante circularidade porque não é incomum que um ex-membro aluno consiga aprovação no vestibular em um dos cursos da Unesp - Câmpus de Franca e se integre ao projeto novamente, agora como membro-professor, de forma voluntária, exemplificando o quão importante ele considerada a passagem pelo Cursinho da UNESP para a sua trajetória de vida.

Acreditamos firmemente que a promoção social e emancipação das pessoas passa pelo reconhecimento de que é preciso repensar a educação no Brasil, repensar práticas pedagógicas e redimensionar o papel dos sujeitos, reflexões para as quais muito contribui o Projeto Cursinho Popular da Unesp.

Agradecimentos

Agradecemos todos os atuais membros do curso de graduação em Direito (Ana Felizardo, André Pupin, Andrêas Paiva, Bruna Granero, Caio Minoru Saeki, Carlos Eduardo Carreira, Eduardo Ferreira Lopes, Elias Nascimento, Gabriel Gonçalves Zanetti, Giovanni Rosa, Kalinka Favorin, Karina Lima, Louise Dias, Lucas Sato Gamez, Lucas Takahashi, Luis André, Marcus Faria, Maria Helena Galhani, Maria Luiza Rocha, Renan Mello, Victória Iori, Victor Abdala e Vinícius Lotufo); do curso de graduação em História (Alexandre Novaes, André Pimenta, Bruno Tomazela Pasquali, Diego Alves, Fernando Vinhota, Franciele Demarchi, Gabriela Sampaio, Isadora Mutarelli, Letícia Pasquini Pivesso, Levi Yoriyaz, Luis Eduardo Azevedo, Luiz Henrique, Maísa Soares e Vitória Pessoa); do curso de graduação em Relações Internacionais (César Augusto Fernandes dos Santos, Isabella Anselmo, Leandro Corrêa, Lucas Boldo e Mateus

Conclusões



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



França Holmo), do curso de graduação em Serviço Social (Larissa Bedo, Marina Leobina, Patrícia morandi e Pedro Spanic) e membros da comunidade de Franca (Alvaro Dana Bertelli, André Coutinho, André Luis Bonfim, André Spinielli, Fabio Rodrigues Vieira, Filipe Acosta, Genaro, Henrique Nascimento Guimarães, Leandro Teodoro, Maksuell Nicula, Matheus Santos, Ricardo Emer, Ricardo Pereira, Thiago Cintra, Thiago Lamboglia e Vinícius Ormelesi).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MELLO, G.N. **Cidadania e competitividade**. São Paulo: Cortez, 1998.

MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

SOBRAL, F. A. F.; TRIGUEIRO, M. G. S. Limites e potencialidades da base técnico-científica. *In*: FERNANDES, A. M.; SOBRAL, F. (Orgs.). **Colapso da Ciência e da Tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.